2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 41. QUINTA FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CARTA AO Illm.º SR. REDACTOR DA LEI.

Sr. redactor.

Peço licença a v. s. para publicar no seu jornal as seguintes observações, com referencia á entrega das medalhas aos expositores portuguezes na exposição de Londres. Separo de taes observações tudo quanto me é pessoal, e limito-me a considerar o assumpto como questão de opinião, que pela minha parte baseio em uma serie de documentos.

Esclarecerei primeiro um ponto.

Os commissarios de sua magestade britannica para a exposição de Londres resolveram offerecer aos expositores das differentes nações,

Medalhas de premio,

Diplomas de menção honrosa,

Medalhas de presença,

Relatorio do jury;

Aos expositores premiados com a medalha de premio, pertence a que tem esta denominação; aos que obtiveram a menção honrosa o respectivo diploma; aos que além destes concorreram á exposição a medalha de presença, e finalmente um exemplar do relatorio do jury a cada expositor.

Da enumeração destes factos resulta, que era extraordinario o numero de medalhas para cunhar, e o numero de exemplares do relatorio para imprimir.

Com referencia á distribuição destes objectos, podia haver portanto differentes opiniões. Algumas nações, como a França e a Belgica, distribuiram só as medalhas de premio, outras como a Hespanha e a Russia tem esperado que tudo se complete. O governo em Portugal seguiu este ultimo exemplo, e adoptado elle, são conhecidas e publicas as causas por que não podia ordenar a distribuição, pois que não tem recebido, em consequencia de motivos tambem publicos, e estranhos á vontade dos commissarios de sua magestade britannica, os objectos que devia distribuir. Os documentos publicados no *Diario do Governo* de 9 do corrente são o complemento de quanto era sabido a este respeito, com relação á impossibilidade que tem havido de fazer a distribuição completa. Como commissario do governo eu só podia com dignidade referir-me á minha opinião, que nunca foi esta, depois da publicidade dos documentos que arredaram do governo qualquer responsabilidade.

A minha opinião foi sempre:

Que a distribuição das medalhas de premio se devia fazer, sem esperar pelas que mais se demoraram na remessa, mesmo desta classe, e até sem esperar pelos diplomas da menção honrosa. Parece incrivel que existindo provas desta minha opinião em documentos publicados, e no testimunho, que eu podia invocar, de tantas pessoas, a quem a communiquei, se me façam accusações, por que as medalhas se não entregaram!... Mas deixarei as considerações, que fará quem lêr, e voltarei aos factos.

Em officio de 12 de fevereiro de 1852, dirigido ao ministerio do reino, e publicado no *Diario do Governo* n.º 103 desse anno dizia:

« Tendo cessado as causas que tem demorado a entrega das medalhas relativas a Portugal... permitta-me (v. ex.ª) a liberdade de chamar a illustrada attenção do governo sobre a conveniencia de fazer a *proxima* distribuição das medalhas com a solemnidade que parece merecer tão grandioso acto. »

E como nessa data ainda não tinha conhecimento de que os commissarios de sua magestade britannica expediriam diplomas de menção honrosa, até propunha o meio de os distribuir, para não demorar a distribuição, dizendo nesse mesmo officio.

« ..... parece-me conveniente que v. ex.ª pensando sobre a vantagem de que os premiados possuam um documento do seu merito, determine qual a fórma desse documento. »

Em 29 de março de 1852 assignava eu um officio dirigido ao ministerio do reino, no qual a commissão encarregada de formular o programma para a distribuição dos premios dizia:

« Tenho a honra de communicar a v. ex.ª em nome da commissão encarregada da distribuição dos premios conferidos a Portugal na exposição de Londres, que a mesma commissão sendo de parecer *que não convem esperar mais* essa distribuição, esperando pelas poucas medalhas de premios, que faltam, resolveu antes de formular o programma levar ao conhecimento de v. ex.ª que não tomará resolução ne-

nhuma a esse respeito, sem sollicitar, como por este meio sollicita, as ordens de sua magestade, quanto á sua augusta presença na solemnidade, que se projecta, e quanto ao local em que deve ter logar. »

Corre impresso:

« Que a causa que impediu a remessa das medalhas não é conhecida a ninguem á excepção de mim. »

É falso.

No *Diario do Governo* n.º 103 de 3 de maio de 1852, em officio meu escrevi:

« Tenho empregado toda a diligencia possivel no desempenho dos deveres da minha commissão, para completar a entrega das medalhas que pertencem a Portugal, como v. ex.ª verá pelo extracto incluso n.º 1, do meu officio de 27 de fevereiro, dirigido aos membros da commissão executiva da exposição de Londres, e pelas cópias tambem inclusas dos meus officios de 8 e 18 do corrente dirigidos aos mesmos commissarios. Em resultado destas minhas diligencias, tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª mais quatro medalhas, e a cópia do officio que as acompanha. »

Nesse mesmo *Diario do Governo* n.º 103, se vê como eu instava para Londres pela remessa das medalhas, dizendo no documento n.º 2, á commissão executiva:

« Peço desculpa do empenho com que as solicito (as medalhas), mas tambem avaliareis o justo desejo dos expositores portuguezes, de possuirem um documento que tanto os honra. »

E no documento n.º 3, em data de 18 de março de 1852, escrevia eu á mesma commissão:

« Rogo-vos, senhor, na qualidade de commissario regio de Portugal, de fazer entregar as medalhas, que faltam, o mais cedo possivel a mr. Van Zeller, agente da commissão portugueza, afim de que em seguida se faça a distribuição em Lisboa. »

É portanto evidente que as medalhas se não remettiam, porque não era possivel fazer a sua remessa.

Eu devo neste ponto uma justa observação em desaggravo dos commissarios de sua magestade britannica. A demora não dependia da sua vontade e a sua elevada intelligencia e zelo sem exemplo, não podiam vencer a difficuldade que nascia de não ser possivel, em pouco tempo, apromptar tudo quanto offereciam a milhares de expositores de quarenta nações. E com este fim darei aqui publicidade ao seu officio de 15 de março de 1852, em resposta ás minhas continuadas instancias pelas medalhas. É o seguinte:

« Grande exposição dos productos industriaes de todas as nações, 1851 — presidente sua alteza real o principe Alberto, etc. etc. etc. — Repartição da commissão executiva n.º 1 Old Palace Yard, Westmister, 15 de março de 1852 — Senhor — A commissão executiva me encarrega de dizer-vos, que continuará a remessa das medalhas de premio tão depressa as receba da officina do cunho; mas para abrir as legendas, e cunhar um tão grande numero é indispensavel grande espaço de tempo. — A commissão executiva espera, que dentro em poucos dias poderá remetter mais alguma. — Sou, senhor, vosso obediente criado — *George Francis Duncomt.* »

Corre mais impresso:

« Que eu esperei pela queixa dos expositores portuguezes para publicar — que ha um anno um incendio em Londres devorou os diplomas que se lhes destinaram. »

É falso.

Porque lembrei a publicação dessa noticia — a qual, de facto, se publicou em 15 de junho do anno findo no *Diario do Governo* n.º 165, pelo ministerio dos negocios estrangeiros, pois que a communicação se fizera diplomaticamente e não com direcção a mim.

Eis aqui o theor da referida noticia:

« Illm.º exm.º sr. Tenho a honra de participar a v. ex.ª que em data de 5 do corrente me foi dirigida uma nota, pelo ministro de sua magestade britannica neste corte, transmittindo-me o incluso exemplar de um officio do secretario dos commissarios regios da exposição de 1851 ao ministerio dos negocios estrangeiros de sua magestade britannica, no qual pondéra que terão infelizmente de decorrer ainda alguns mezes antes de se poderem substituir os catalogos illustrados, relatorios dos jurados e dos ditos commissarios apresentados a sua magestade britannica, e que tencionavam offerecer aos differentes governos dos paizes, que concorreram para levar a effeito aquella exposição, visto que todos foram destruidos pelo desastroso fogo, que teve logar nas officinas em que se estavam imprimindo; expressando o referido ministro, por parte dos ditos commissarios regios, o seu sentimento por esta inesperada demora; o que tudo me cumpre levar ao conhecimento de v. ex.ª — Deus guarde a v. ex.ª Secretaria de estado dos negocios estrangeiros em 12 de julho de 1852. — Illm.º exm.º sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino. — *Visconde de Almeida Garrett.* »

Tambem corre impresso:

« Que eu querendo desculpar-me, mandei publicar no *Diario do Governo* de 9 do corrente, sob a rubrica do ministerio das obras publicas e commercio, duas cartas, que me tinham sido dirigidas em junho do anno passado pelo secretario da commissão regia ingleza. »

Ha neste periodo uma serie de falsidades. Tendo eu, como está provado, a opinião de que a distribuição se devia ter feito, até incompleta, não sendo ella um acto das minhas attribuições, a publicação não podia ter por fim desculpar-me.

Os officios publicados não são, como falsamente se diz, de 9 de junho do anno passado, mas como nelles mesmo se lê, um de 22 de março proximo findo, e outro de 3 desse mez.

Não me são dirigidos, como falsamente se assevera.

O primeiro lá tem no fim a direcção — A s. ex.ª o visconde d'Attouguia.

E o segundo lá tem tambem no fim — a H. U. Addington, esq. — na secretaria dos negocios estrangeiros.

Não são ambos, como tambem falsamente se escreve, do secretario da commissão real, por quanto só um, o dirigido á secretaria dos estrangeiros inglezes, está assignado por esse secretario, sendo o outro assignado pelo ministro de sua magestade britannica n'esta côrte.

Ainda n'este ponto eu faço um novo esforço para não fugir dos factos para o juizo que d'elles faço. Deixo essas considerações para quem ler. Volto aos factos e aos documentos.

Como sou firme na minha opinião, costumo em relação a qualquer objecto empregar os meios de que posso dispor para que ella se realise.

Assim o fiz para a distribuição das medalhas, e cedi de outra opinião, que ainda conservo, para que a distribuição fosse avante.

Tem vogado a idéa de fazer juntamente a distribuição das medalhas da exposição de Londres, e a das medalhas da exposição agricola, e direi aqui de passagem que ninguem brada contra contra a demora da distribuição d'estas ultimas, que já não é pequena, talvez porque eu não tomei parte n'ella; mas ainda espero que o façam, se constar que desde 2 de janeiro sirvo de chefe da repartição de agricultura, e desde já conto que me façam responsavel por um acto de que nada sei, e que é completamente estranho ao cumprimento dos meus deveres. Fui sempre contra a opinião das duas distribuições; mas na primeira conferencia, em que se tratou de tal, haverá 4 ou 5 mezes, declarei que a minha opinião tinha sido sempre contraria, mas que era tão grande o meu desejo de que se fizesse a distribuição das medalhas de Londres, ainda mesmo incompleta, que para se não perder tempo algum, attribuindo a demora da entrega d'essas medalhas a qualquer duvida minha, concordava em que as duas distribuições se juntassem, apesar de estar convencido, como ainda hoje estou, de que deviam ser dois actos separados. Invoco para a veracidade d'este ponto o testimunho do illustre cavalheiro, que tão honrosamente dirigiu a exposição agricola.

Tenho satisfação em provar que ninguem antes de mim se lembrou das honras que eram devidas aos expositores portuguezes, que na exposição de Londres foram dignos da sua nação. E no meu officio de 12 de fevereiro do anno findo, publicado no *Diario do Governo*, já citado fiz subir á presença do governo:

« Que alguns chefes dos estados em que a distribuição dos premios já se tem feito, distribuiram por essa occasião a alguns expositores mercês honorificas, que honrando o trabalho, honraram tambem o espirito eminentemente civilisador que dictou essa resolução. »

Não espero possuir na minha vida documentos mais honrosos, do que os que provam como sua magestade a rainha houve por bem approvar esse meu alvitre; e se o odio que tenho ás apologias me tem obrigado a deixar de publicar um outro além da portaria de 17 de fevereiro de 1852, o desaggravo da calumnia que ousa pretender indispor-me com os industriaes do meu paiz exige que o publique.

Na portaria de 17 de fevereiro de 1852, já publicada, sua magestade houve por bem mandar-me declarar que n'essa data se nomeara uma commissão para conjunctamente commigo propor as condecorações que sua magestade tencionara conferir aos expositores, que mais benemeritos parecerem.

E na portaria da mesma data nomeando a commissão se diz pelo que toca ás condecorações, o que hoje publico.

« Sua magestade a rainha attendendo ao que lhe foi presente em officio do commissario regio de Portugal á de Londres, Sebastião José Ribeiro de Sá: Ha por bem nomear uma commissão para conjunctamente com o sobredito commissario propor ao governo pelo ministerio do reino.....

« 3.° As condecorações que em numero de 12, devam ser dadas aos expositores portuguezes que parecerem mais benemeritos para servirem de testimunho de honra ao trabalho, e aos que promoverem o progresso e aperfeiçoamento da industria nos seus diversos ramos. »

A inveja e a calumnia podem fazer quantas allusões lhes lembrar; mas não podem destruir esta, e muitas outras provas que possuo do meu zelo e interesse pelos expositores de Portugal, em Londres. Ninguem mais do que eu deseja a prosperidade e a honra da industria portugueza: e qualquer falta que haja no desempenho dos meus deveres, com relação a estes dois pontos, será sempre da intelligencia, e nunca da vontade. Talvez que a idéa da distribuição completa de tudo quanto se refere á exposição de Londres, seguida por algumas nações, e das que mais honrosa parte tiveram nessa exposição, seja preferivel á minha opinião, e até haverá para a sustentar mais solidos fundamentos do que a contraria; mas, repito, que apesar disso não concordo com ella, e de tal apresentarei ainda mais uma prova. Para a hypothese de suas magestades assistirem a este acto, e de ser feito no unico edificio, que eu conheço em Lisboa, proprio para tão magestosa solemnidade, isto é, na sala da camara dos srs. deputados, vai fazer um anno, que eu redigi o seguinte programma:

« 1.° Quando occupando suas magestades o throno teriam logar á direita o presidente da camara dos dignos pares, o presidente da camara dos srs. deputados, o ministerio e a camara municipal, e á esquerda a commissão portugueza para a exposição de Londres, creada por decreto de 2 de dezembro de 1850, presidida pelo ministro do reino.

2.° Que a solemnidade começará por um discurso do ministro do reino, como presidente da commissão portugueza, dirigido a sua magestade.

3.° Que findo este discurso o mesmo ministro leria o decreto, que conteria as mercês honorificas aos 12 expositores.

4.° Que estando as doze insignias perto de sua magestade, os agraciados á proporção que fossem sendo nomeados, subiriam os degráos do throno para receberem as respectivas insignias.

5.° Que a lista dos agraciados só seria publica neste acto.

6.° Que finda a distribuição das condecorações, o commissario portuguez á exposição de Londres faria uma breve conta da sua missão, dirigida aos expositores.

7.° Que em seguida o mesmo commissario leria a lista dos expositores premiados, e ao passo que fosse lendo cada um dos nomes, entregaria os premios ao ministro do reino, para este os passar ás mãos dos expositores, a que pertenciam.

8.° Que além da côrte, dos srs. deputados, e pessoas já nomeadas, ninguem mais entraria na salla, exceptuando o centro que era exclusivamente destinado para os expositores.

9.° Que a tribuna do corpo diplomatico ficava, como está, á sua disposição.

10.° Que o resto das tribunas, exceptuando as das pessoas reaes, seriam destinadas ao lado da presidencia para senhoras, e as restantes para homens.

11.° Que uma grande orchestra seria collocada em uma das tribunas, para quando fosse occasião propria augmentar a solemnidade do acto.

12.° Que a entrada nas tribunas e galerias seria por meio de bilhetes, distribuidos pela secretaria de estados dos negocios do reino. »

Este programma foi escripto e assignado em junho do anno passado, tendo eu já, próviamente obtido da sociedade musica de 24 de junho, onde estão reunidos os principaes professores da capital, a sua coadjuvação, que me honro de neste logar agradecer.

Nunca subi as escadas das secretarias, nem das camaras, como protendente; mas tenho honra em confessar que muitas vezes as subi para fazer vigorar a minha opinião com referencia á distribuição dos premios da exposição de Londres. E muitos illustres deputados da legislatura anterior podem attestar, que por mais de tres semanas consecutivas fui constantemente á camara para vencer as difficuldades que se apresentaram á realisação do meu pensamento, e as quaes não me foi possivel remover.

Depois desta veridica e provada exposição de todos os factos, que ficam referidos, como satisfação á imprensa, que respeito, e da qual me honro de fazer parte, só me resta confiar na sua justiça para julgar qualquer responsabilidade que se me queira impôr por um acto, que não dependeu, e que não depende de mim.

Lisboa 17 de abril de 1853.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLI.

SOU REI!

(Continuado de pag. 478.)

O principe estava em uma cadeira de braços de bello lavor, com espaldar e assento de veludo. Diante delle a meza, coberta de um panno franjado do mesmo estofo, via-se cheia de papeis em confusão, sobre os quaes, e ao acaso, descançavam alguns volumes. A escrevaninha de prata maculada de tinta, e uma pequena pasta verde, que sua magestade fechou logo, que se franziu o reposteiro para dar passagem ao visitador, mostravam que el-rei tinha passado a manhã a trabalhar. As cortinas das janellas desciam em grandes pregas tomadas em garras de prata; e o forro das paredes de damasco escarlate, com filetes dourados, formando molduras largas, davam ao aposento pequeno e oblongo um aspecto nobre, mas severo. Segundo o cerimonial não havia mais do que a cadeira, em que o principe se assentava. Dois tremós de páu santo de talha alta e voltas de dragão nos pés, guarneciam os lados, carregados de objectos curiosos da China e do Japão. Defronte da meza do despacho, com o mostrador virado para o rosto de sua magestade, admirava-se em uma banca de charão e madre-perola o magnifico relogio de salla, esculpido como um primor de Benvenuto Cellini, e menos precioso pelo oiro, do que pela raridade do lavor. Este relogio, presente de Luiz XIV a D. Pedro II, tinha um registo de musica, ao som do qual saía uma risonha procissão de figuras bucolicas cada vez que batia as horas.

Apenas o jesuita ajoelhou e lhe beijou a mão, o principe, sorrindo-se com agrado, mandou-o levantar, e virando-se para elle com bondade, disse-lhe:

— « Estimei vel-o, padre Ventura! Temos sobre que o ouvir. »

O visitador inclinou-se com uma profunda cortezia, e aguardou callado as ordens do soberano. Sua magestade corria entretanto pelos olhos um papel, e erguendo-se, dirigiu-se para o italiano com a phisionomia aberta, e certo fulgor na vista.

— « Sabemos que vossa paternidade é prudente e de bom conselho! » Apezar de ser dictado commum, que em Italia não se falla senão para enganar, esperamos o contrario da sua parte, quanto ao que vamos dizer. Medita-se restituir o conde de Castello-Melhor a todas as honras, e ao exercicio no conselho de estado. O que passou, acabado está; e depois do seu desterro elle prestou grandes serviços; especialmente no caso da rainha de Inglaterra D. Catharina, nossa thia... Persuadi-mo-nos pois, de que foram os seus inimigos, e não as suas obras, que provocaram o desagrado de sua magestade, que Deus tem em gloria. O que lhe parece? Disseram-nos que o conde e os padres de S. Roque não viviam bem em outro tempo... falle, se o deseja! »

— « O que passou, acabado está, vossa magestade o disse! « redarguiu o jesuita serenamente. » Nós, e o conde de Castello-Melhor ao principio não nos intendemos é exacto; e depois estivemos em guerra; tambem é verdade. São duas coisas que facilmente se explicam; porém, hoje não ha rasão para nenhuma dellas; e com grande satisfação oiço da augusta bocca de vossa magestade as generosas resoluções da sua magnanimidade. A restituição do conde ao conselho honra

o monarcha, e serve o estado. Não está o reino tão abundante de sabios e de politicos consummados, que possa dispensar-se o voto de um homem como elle. Beijo a mão a vossa magestade pela graça que me concedeu, ouvindo-me! »

— « Mas asseguram-nos que o conde está cego, ou quasi cego? » observou o principe.

— « Talvez; mas ignoro. Com os desgostos e a leitura que tem tido acho natural; » respondeu o italiano. Assim mesmo com pouca vista estou firmemente persuadido, de que ha de vêr melhor as coisas, do que muitos que não cegaram sobre os papeis do estado. »

— « Bem! Notamos com prazer que sabe ser justo, e sincero, sem excepção de amigos ou de inimigos. Duas palavras agora a respeito de outro negocio. O que houve entre o cavalheiro Methwen e Roque Monteiro no ajuste do tractado de commercio? Queremos que diga a verdade toda. Os exemplos severos em um reinado novo são tão necessarios como os actos de magnaminidade, em favor dos innocentes, ou dos pouco culpados. »

— « Vossa magestade concede-me alguma liberdade, sendo precisa, para eu dizer o meu voto? »

— « O que não perdoariamos era a falta della. Diga! »

— « Ha rigores impossiveis, senhor! Não se costumam punir os erros dos subditos sobre a effigie veneravel dos seus monarchas! »

— « Explique-se; não o podemos perceber! » acudiu el-rei, olhando-o fito, e collocando-se diante como suspenso.

— « Obedeço! Roque Monteiro praticou esse acto de sua livre vontade ou de ordem do soberano? Se o acto fosse proprio, respondia elle, e era de justiça; mas se a corôa estiver adiante, e o negociador atraz, por cima de quem se passa para o punir? Uma sentença decapitava a memoria do amo a titulo de castigar o facto do ministro! E os filhos como vossa magestade são tão reipeitosos que preferem fechar os olhos a correrem em processo com a gloria de seus paes... »

D. João V deu dois ou tres passeios, e tirando da pasta algumas cartas, mostrou-as ao jesuita, dizendo:

— « Sabe o que está nestes papeis e de quem foram? »

— « Vossa magestade não se dignou dizel-o ainda. »

— « São informações preciosas ácerca da negociação do tractado. É a conta do que se levou por elle aos inglezes, ou antes do que nos custou a nós! Só o padre Sebastião de Magalhães á sua parte ganhou um dote de vinte mil cruzados para casar duas sobrinhas. Devemos sabel-o, e não punir? Dar-nos-ía tal conselho? »

— « Vossa magestade permitte-me que responda? »

— « Falle sem receio. A sinceridade agrada-nos sempre. »

— « Senhor, caíndo por acaso no lume esses papeis o que succedia?... » insinuou o padre sem elevar a voz ao tom de pergunta, porém fazendo uma pausa que désse logar á resposta.

— « Ficavam salvos os homens! » atalhou el-rei, mostrando pouco agradavel semblante á hypothese.

— « Pois bem. Se eu fosse o monarcha estavam já a arder! Para pena dos criminosos, (se algum existe) basta o desagrado do soberano. A memoria do sr. D. Pedro II pede este sacrificio. A paz do reino não o exige menos. Se os povos desconfiassem de que os vendiam aos mercadores de fóra, e que a bocca dos ministros cobria a venda, não era bom; era pessimo. Para aqui. »

— « E o seu conselho? » perguntou D. João com aspecto severo, e o sobr'olho carregado.

— « Não sei outro; e muito sentiria que tivesse a desgraça de não merecer a benevolencia de vossa magestade. »

— « Bem! Muito bem! » acudiu o principe mudando repentinamente de phisionomia, e com signaes de visivel satisfação. » O seu voto foi o nosso tambem; e a prova é que Roque Monteiro parte amanhã de Lisboa para a sua casa da provincia, ignorando o verdadeiro motivo das nossas ordens. Para não ficarmos com escrupulos, figuramo-nos agastados com a sua opinião, e procuramos animar a contraria... Padre Ventura ha occasiões, em que não podemos fiar-nos senão em nós. Ainda bem que Deus illustra o rei, e o encaminha pela estrada que pizariam os mais idosos. Graças lhe sejam dadas por todo o sempre! »

Esta jaculatoria devota de sua magestade tinha por fim disfarçar a immensa satisfação do seu orgulho. O principe vendo as proprias idéas propostas e approvadas, sem suspeitar lisonja, por um homem com tanta reputação de sabio e de politico, não soube conter a alma, e sem o pensar descubriu a feição predominante do caracter. Conforme notamos na sua conversação com o secretario das Mercês, o jesuita que já conhecia o

desterro de Roque Monteiro, e por elle guiara as suas reflexões, sorria-se para dentro, da facilidade com que os monarchas se illudem, e tomam por luminosas idéas a habilidade com que são aconselhados. Neste caso, louvando o que sua magestade praticara, e fingindo não o conhecer, o padre Ventura sem esforço nomeou dois homens grandes em um instante: em primeiro logar o principe, que se julgou desde logo experiente como Solon; em segundo elle mesmo, que pela virtude de ajuizar como sua magestade, subio interiormente no conceito real, ganhando em merito na proporção devida! Assim se inventam no mundo muitas coisas raras!

D. João V deixou correr em silencio um ou dois minutos, consagrados a saborear no mais secreto da sua consciencia as delicias desta adulação italiana, veneno fino, que lhe insinuavam com as apparencias austeras da verdade. Mas, se o espirito estava contente e a cabeça desvanecida; se o rei se julgava predestinado por Deus com a sabedoria innata, o mancebo sentia ainda o coração muito forte a bater-lhe no peito, e as illusões muito verdes a florirem-lhe na imaginação. Segundo o bello dito de Carlos V em Harnaai, a corôa ainda não tinha transformado o homem e a aguia imperial, a ambição, ainda não affugentara o amor com o vôo impetuoso.

Sua magestade ao passo que admirava em si mesmo com invejavel ingenuidade os dotes proprios do soberano, não tinha forças para se arrancar ao jugo suave das paixões, que dias antes eram o enlevo da sua alma, e o paraiso desejado das suas paixões. A imagem de Cecilia trazida a todos os momentos pela saudade do affecto, exacerbava-se pela ausencia e pelo terror dos perigos, a que a julgava exposta, e cada vez cortava com mais força, e tomava maior poder sobre a sua vida. Achando-se livre, depois da morte de seu pae, suspendeu logo a partida do conde de Villar-Maior para Vianna d'Austria; e sem se atrever a decidir, affagava mais ou menos carinhosamente, segundo as phases porque passava o seu espirito, o projecto de seguir os exemplos novos, elevando a filha de um subdito obscuro ás honras do diadema. Luiz XIV avançado em annos, provado pelos revezes e amarguras, cheio de experiencia e desengano, não offerecera a mão a madame de Maintenon, e não gosava com ella sendo rei das doçuras da felicidade conjugal?

A figura severa do velho monarcha de França, cuja auctoridade em assumptos do governo era reconhecida, não lhe proporcionava um argumento irrespondivel para os antigos conselheiros de seu pae? Por cobrir os hombros com os arminhos reaes, e a cabeça com a corôa de oiro, o soberano deixara de ser homem, e devia unir-se sem amor, e contra o amor, a uma estrangeira, que não podia supprir no seu coração o logar, que occupava outra? A contestação, que acabava de ter com o Camões do Rocio, e da qual lhe resultara o pleno convencimento da innocencia de Jeronymo, com a certeza de que a ternura de Cecilia fôra sempre, e exclusivamente sua, déra maior imperio ainda ao affecto, acabando de desvanecer no animo as ultimas sombras do ciume. Cavalheiro tinha á sua palavra empenhada, e deshonrava-se faltando a uma dama. Amante (embora principe), parecia-lhe nos instantes de paixão, que o throno seria um degredo e uma solidão, se não visse ao seu lado o anjo, cujos olhos estremosos juravam a sua alma, que a della não vivia senão de esperança. Ainda que o mundo e a distancia os separassem, não bastava a memoria e a saudade para fazerem das duas existencias uma só? Não era o rei o primeiro fidalgo da monarchia; quem lhe negaria pois o direito de pegar na mão de qualquer senhora, e de a tornar egual a si, e superior ás outras?

Com o caracter imperioso e a vontade tenaz, que a mocidade exaltava nas grandes occasiões, D. João V advogava em segredo perante a sua consciencia como rei os desejos e interesses que o seu coração nutria como homem. Antes de declarar uma resolução irrevogavel, sondava em todos os sentidos a fortaleza do seu animo, certo de que a havia de necessitar no caso de romper com as tradicções da côrte, e de antepôr á alliança politica a alliança de amor. O que mais o suspendia era o receio de passar por menos habil e prudente aos olhos dos vassallos, que podiam olhar este enlace como a precipitação fogosa e juvenil de um mancebo, que tinha a cabeça fraca e o espirito pequeno para chefe do seu povo, visto principiar pelo sacrificio das rasões de estado, e pelo despreso da sabedoria aulica!

A purpura monarchica impunha deveres; o officio de reinar obrigava á abnegação e á victoria da intelligencia sobre os sentimentos; querer não era tudo; os lisongeiros inclinar-se-íam; os descontentes murmurariam; nem uns nem outros valiam meia hora de cuidado; mas os imparciaes? Mas a Europa, cujos gabinetes fitavam os olhos no successor tão moço do terceiro soberano da casa de Bragança? Não sabendo con-

ter-se, nem vencer-se, teria força para conter e vencer os mais? Seu irmão D. Francisco, seus inimigos de Castella e de França, não aproveitariam o desgosto da fidalguia, as queixas do povo, a pobreza do Erario, e o mau effeito de um passo temerario para lhe machinarem a ruina, e apregoarem a incapacidade?

Nesta lucta da ambição, e do affecto, o principe maldizia ás vezes o encargo da soberania e invejava a isempção humilde, mas feliz, do mais obscuro dos seus vassallos. A corôa figurava-se-lhe um presente funesto, que depois de aceito, separava o rei de todos, e até do proprio coração. Descer do throno, para dar a mão á donzella sem jerarchia, em nome da ternura reciproca, não era expor-se á satyra geral, e desaparecer da scena, como segundo e verdadeiro Quixote da Europa? O sceptro larga-se com esplendor, quando se larga com a ostentação da philosophia e de uma grandeza de alma sobranceira ás maiores honras como fizera Christina de Suecia; porém trocal-o pelo cajado dos pastores, e saír do paço para ír abrigar a felicidade domestica debaixo do tecto rustico e campestre, a pretexto de amar sem obstaculo, mereceria o mesmo louvor, e acharia alguma desculpa?

E que achasse! Consummado o sacrificio, perdido o solio, e satisfeito o affecto mutuo, o rei abdicando na flôr dos annos, nunca teria ciumes do rei, que herdava em sua vida, em virtude do que uns chamariam loucura, e outros fraqueza ou pusilanimidade? A paixão resistiria muito tempo ás mordentos e incuraveis saudades da ambição? O horisonte ficaria puro e claro para ambos até ao fim; o pomo da discordia não rolaria entre elles, lembrando-se um de mais, e procurando o outro esquecer sempre?

Taes eram as reflexões do principe á chegada do padre Ventura; e como se vê, o seu espirito perplexo obrigava o fiel da balança a inclinar-se, ora a uma, ora a outra parte. Vendo o jesuita, que sabia a historia dos seus amores, e os não condemnára, nem descubrira, D. João V resolveu esclarecer-se, ouvindo o voto deste homem, cuja rasão serena e elevada lhe inspirava respeito e confiança. O que era (a seu vêr) um segredo para todos não o podia ser para o visitador; e com elle estava em segurança, e fallava em liberdade. Apesar disso não se atreveu a correr de repente o véu. Preferiu, aproximar-se pouco a pouco. Na alma dos mancebos, a timidez une-se á audacia, e quasi sempre esta na acção, e aquella nas palavras.

Sentando-se, e disfarçando a comoção interior com o mais agradavel sorriso, que ainda tinha mostrado. Sua magestade, deceu as palpebras meias cerradas, e desviando a vista da intuição recta do seu interlocutor, disse lentamente, e com affectada indifferença:

—« Padre Ventura, a primeira vez que o encontramos em Santa Clara estavamos longe de suppor que tão cedo quizesse Deus experimentar-nos com a pesadissima cruz do governo dos povos. Prestou-nos um grande serviço então, e empenhamos a nossa palavra de que nunca o esqueceriamos. Ainda que a promessa foi dita em segredo e quasi aos pés de uma dama, o rei quer pagar as dividas do principe D. João, e tem vontade de o provar. Ha alguma coisa em que o nosso poder lhe seja util? »

O jesuita olhou, e sorriu-se tambem. A intenção do soberano não lhe escapava; mas julgou mais habil obrigal-o a descubrir o seu pensamento; por isso, curvando-se, respondeu com humildade calculada:

—« Certo da grandeza de vossa magestade chego aos seus pés para lembrar a palavra dada em Santa Clara por sua alteza o principe real. »

—« Ah! » interrompeu o monarcha, subindo-lhe a côr ao rosto, e deixando o estilo affectado do ceremonial. « E que noticias me traz de todas as pessoas... que lá conhecemos? »

—« D. Catharina de Athaide... » disse o italiano.

—« Deixemos essa!... » acudiu el-rei á pressa e com um sorriso contrafeito. « Tenho o conde de Aveiras ao meu lado para saber a todos os momentos, que está cada vez mais bella e namorada. Mas Cecilia? acrescentou, pondo-se de pé, e vencendo por um movimento forte a timidez, Cecilia, que v. paternidade sabe que amei... e que amo ainda? »

—« A educanda, redarguiu o visitador serenamente, perdendo as illusões, e conhecendo que o amor de el-rei não devia pertencer-lhe, morreu... »

—« Morreu! Cecilia morreu!? » exclamou o principe fazendo-se branco de jaspe e sentindo no coração um golpe, que lhe esfriou o sangue.

—« Para o mundo! » concluiu o jesuita sem se alterar. « Como não podia tornar a amar na vida, escolheu a Deus para seu Esposo, e volta a Santa Clara a tomar o véo. »

—« Sem o meu consentimento? » gritou D. João V, cujos olhos faiscaram, convertendo-se a

palidez no vivo carmim das faces; em quanto o gesto e a vista diziam ameaça e cholera.

— « Sem o consentimento de vossa magestade! » replicou o jesuita com o tom placido, e o ar de dignidade, que sabia assumir nos instantes criticos. « Em pontos de dever e de religião a consciencia passa adiante. Deus é acima de el-rei. »

— « Muito bem! » accudiu o monarcha reprimindo-se com difficuldade, e dando alguns passeios agitados pela salla para se fazer senhor do seu espirito. Decorridos momentos, e parando repentinamente defronte do visitador, disse-lhe no tom secco e altivo do orgulho ressentido: — « Esperamos pela petição de v. paternidade para vermos se está em nosso poder attendel-a. Esteja certo de que desejamos cumprir as nossas promessas. »

— « Eis a tormenta! » pensou comsigo o italiano. « Não importa. Previ sempre que o bom tempo não havia de durar muito. » Levantando, depois, a cabeça, e com a voz firme e natural, de quem não rogava favor, e sustentava direito, respondeu ao soberano, inclinando-se:

— « O que venho requerer a vossa magestade não o pedirei á magnanimidade real do seu coração, mas á indefectivel justiça da sua verdade. Ainda que o offendido como homem seja el-rei, isso mesmo basta para eu estar seguro da sua generosidade e clemencia. »

— « Ah! » exclamou D. João V com um gesto carregado « Continue! »

— « Um vassallo portuguez acha-se em ferros nas prisões do castello por um erro, que a vontade de el-rei não irá de certo aggravar em crime de lesa magestade. Cego de ciumes injustos, mas sinceros, teve a desgraça e o desaccordo de não desviar a tempo a sua espada, e um sangue precioso e sagrado derramou-se... »

— « Falla de Jeronymo Guerreiro, capitão nos meus exercitos, e preso por tentativa de assassinio sobre a pessoa do principe real? » atalhou D. João V com severidade. « O que pede elle? Faltou-se ás leis? Negaram-lhe justiça ou defeza? »

— « Pede a liberdade que lhe é devida. Elle não podia ferir ao principe, nem a el-rei! » acudiu o jesuita com a maior placidez.

— « Engana-se, padre Ventura. E a prova é que não só levantou a espada para mim, como trespassou com ella uma senhora debaixo da guarda e lealdade do principe, do primeiro cavalheiro deste reino!... »

— « Sei perfeitamente » respondeu o padre como respeitosa dignidade « que el-rei é o primeiro cavalheiro e que presa esta qualidade; sei tambem que a guarda da sua lealdade foi sempre e deve ser a mais sagrada; mas ignorava que os principes fizessem de reis nas trevas, escallando os jardins dos seus vassallos, e expondo-se a encontrarem os que alli defendem a honra e a innocencia. Por isso ha pouco disse, que Jeronymo Guerreiro não tinha ferido a vossa magestade; e a rasão era porque vossa magestade como soberano não podia estar anonymo diante dos seus vassallos, nem descer a logares aonde elles defendendo-se o acutilassem! »

— « Padre Ventura!... exclamou D. João V irado e medindo-o com a vista. « Escolhe o peior meio de alcançar o meu perdão. »

— « Não venho pedir perdão, mas justiça a el-rei; peço licença para o tornar a repetir! » replicou este friamente.

— « Acha então v. paternidade, que o vassallo póde levantar a mão sem crime contra o seu monarcha? » disse o principe ameaçando-o com a voz e o gesto ao mesmo tempo.

— « Perdoe-me vossa magestade! Acho que um cavalheiro não se esconde nem engana; intendo que o soberano não póde descer do throno para ser parte e juiz dos seus vassallos, em vez de protector. Quando se sobe por cima dos muros, e se escolhem as trevas para segredo, e uma donzella por confidente, o monarcha ficou no paço; quem se arrisca é o particular. Vossa magestade dirá na sua sabedoria se houve offensa em eu julgar que tomando este caminho el-rei sabia, que de noite e não entrando pela porta queria correr o perigo de sahir na ponta de um florete, se o vassallo fóra de horas achasse a sua honra de menos, e a sua casa infamada. O soberano foi posto como pastor e defensor da grei. Se ao contrario disso tivermos o leão devorando o rebanho, maculando a innocencia, e pondo em conflicto a virtude... parece-me licito atirar-lhe, porque na escuridão vê-se o homem, e não a corôa; e o poderoso que tira as insignias e se disfarça na capa de aventureiro, é um tyranno que se vinga por ser com elle o que a lei permitte que se faça aos outros. Neste caso, creio firmemente, que a haver necessidade de perdão... não é ao rei é ao subdito ultrajado que importa vêr se o deve dar! »

D. João V mordeu os beiços com tanta raiva, que os ensanguentou; porém, as suas diligencias para se reportar, foram infructuosas. Cerrando os pu-

nhos, inflamado o rosto, e com arremessados movimentos, precipitou-se quasi em duas passadas do fundo do aposento, e achou-se diante do visitador, que a sua explosão não desarmou da serenidade habitual. O principe irritado com a advertencia austera, e mais ainda com a fortaleza do jesuita, exclamou com pungente ironia:

— « Agora percebo! Queriam arrancar-me o perdão de um criminoso para Cecilia não ficar sem esposo! O plano era sagaz; infelizmente para os auctores leio na sua alma! Veremos a quem enganam. Quanto ao assassino a justiça dirá se as distincções de v. paternidade são mais fortes do que as leis e a minha corôa. Não é novo nem raro que a companhia de Jesus defenda o regicidio; é verdade que em presença do monarcha, hoje foi a primeira vez! Diga-me, padre Ventura, *quando Deus passa adiante do rei*, é para o subdito roubar ao seu principe a vida e a ternura... que o fazia feliz? Cuida que hei de permittir que Cecilia seja de outro; e que a pretexto de falsa generosidade posso consentir em que a sacrifiquem ao homem feroz, que ousou... »

— « Quem ousou » atalhou o italiano com a fronte erecta « não foi elle, foi vossa magestade! Quem se esquece do officio de rei para se lembrar da vingança, e fazer do sceptro uma vara de tyrannia, não somos nós, é aquelle que a sua consciencia mesma accusa. A quem disse o monarcha o seu nome e a sua qualidade? Teve medo de Deus, ou teve vergonha dos homens quando os occultou? Senhor! Na minha edade deviam-se-me poupar as injurias, porque tenho muito a viver na eternidade, e muito pouco a esperar do mundo. Não formo nem desfaço projectos. Se encontro algum desgraçado dou-lhe a mão, eis o meu peccado! Esse mancebo, exposto ao odio do principe, não ama Cecilia, nunca a amou. Allucinado por um erro desculpavel cuidou que perdia em uma hora a esperança e a felicidade; e achando nas trevas um estranho aos pés de uma mulher, que julgava ser a sua, fez o que fariam todos... defendeu-se, e defendeu-a! »

— « Ferindo vilmente a ambos?! » interrompeu o rei com precipitação.

— « Não! Querendo ferir o seductor, que de noite e com o rosto cuberto se introduzia n'uma casa honrada. Se el-rei não intende isto, ou o que é muito peior, se não quer escutar senão o seu resentimento, desgraçado povo, e triste rei! Nesse caso dou ao ceu as graças por ser de dias apenas a minha estada aqui; escusam os meus olhos de se encherem de lagrimas, e o meu coração de magua, vendo um reinado, que principia por onde acabaram os mais detestados e crueis. »

— « Quem falla desse modo não póde dizer se irá para fóra do reino, ou se ficará sepultado n'uma torre! » bradou o principe tremulo e escarlate de raiva.

— « É verdade. Á sahida da barra não é que estão só os chavecos mouros. Perdoe vossa magestade se cuidei que os argelinos não captivavam em Lisboa!... Levantarei as mãos a Deus se Elle permittir que dentro mesmo de um estado catholico eu alcance a corôa do martyrio... Aqui, ou em Tunes, desde que se padece pela verdade, tudo é servir a Christo, e confessar a sua fé. »

Estas palavras proferidas com o ar tranquillo, de quem aguarda o infortunio como amigo, tiveram a virtude de fazer cahir em si o rei, a seu pesar dominado pela força d'alma daquelle velho inerme que entre as garras do leão parecia socegado, como se ajoelhasse com Deus no interior do seu oratorio. Inclinado a tudo o que era grande e sahia do commum D. João V, sentiu retirar-se a cholera e sobrevir a reflexão. Aplacado o primeiro impeto, e feito um exame mais sereno, conheceu que a rasão não estava toda do seu lado, e que por isso mesmo que tinha o poder, a verdadeira magestade exigia delle um sacrificio. Sentando-se, e guardando silencio alguns instantes, empregado em estudar com a vista o rosto do visitador, e em applaudir secretamente a sua firmeza, o principe desarmou-se subitamente do aspecto severo e irritado, que tomára; e abrindo a phisionomia com um sorriso, em que era facil notar ainda um resto de amargosa ironia, disse-lhe:

— « Sabe, padre Ventura, que póde haver debaixo dessa roupeta humilde tanta soberba como na purpura e nos arminhos de um monarcha? Quem nos observasse ha pouco diria que estavamos tratando de potencia a potencia, e que v. paternidade era o mais poderoso... »

— « E não se enganava, senão em uma coisa, senhor! » respondeu o italiano com o mesmo semblante serio e placido.

— « Qual? »

— « Em suppôr que eram potencias eguaes! Á que eu represento, pedindo justiça, e advogando a causa dos que choram, tem-se curvado os imperios e os sceptros!... A corôa de vossa magestade é de oiro, é de metal, e quebra-se; em quanto a de Deus, de quem sou ministro in-

digno, é de estrellas e de gloria... Os homens reinam dias, Elle reina por todo o sempre; o soberano está acima dos outros homens, mas Deus a um aceno da sua mão, depõe os potentes; e as suas vaidades que se levantam como pó, um sopro as abate como outro sopro as fez erguer. »

— « Tem rasão. Mas com uma differença. O seu reino não é deste mundo... »

— « Perdoe, vossa magestade. Christo disse, que o reino dos apostolos chegava até onde chega a consciencia humana. »

— « Bem! Então v. paternidade crê, que estou em peccado, que erro como homem, e que offendo como rei, punindo as que infringem a lei? Não se recorda de um dos mandamentos que diz: — não matarás? »

— « De certo; menos em defeza propria; porque no amor do proximo o termo de comparação somos nós mesmos; e el-rei é muito justo para não conhecer que a honra vale tanto como a vida. Eis o motivo porque eu appello da ira e do resentimento do principe real para a consciencia do sr. D. João V, cujo sceptro é a primeira vara de justiça dos seus povos. »

— « E appella bem! Diga-me: no meu logar, ferido por um vassallo, e desacatado diante de testemunhas deixava pisar a corôa? »

— « Não, se a corôa estivesse na cabeça de el-rei! Mas aonde estava ella no jardim de Lourenço Telles, senhor? »

— « Mas Jeronymo conheceu-me; commetteu o crime, sabendo o que fazia! »

— « Ponho a minha confiança no coração de vossa magestade; e se me permitte uma pergunta... »

— « Falle! »

— « Se o soberano fosse o vassallo, e o vassallo o monarcha, vendo, ou julgando vêr, (o erro foi esse?) a mulher que amava escutando a ternura de outro, o que fazia, el-rei não, mas o principe D. João como cavalheiro?... Vossa magestade é a verdade e a justiça vivas; a voz da sua consciencia é que eu peço! »

El-rei sorriu-se, levantou-se, e poz-lhe a mão no hombro. Depois acrescentou com ar nobre e gesto mais desassombrado.

— « A prova de que foi ella o juiz, é que o principe subindo ao throno obteve de el-rei que escrevesse logo esta ordem de soltura! Bastava ter cruzado a espada com o meu vassallo para o soberano não dever ser rei, se quizesse ficar sendo cavalheiro... Ouvi-o para o experimentar, padre Ventura. Sabe que mais? Não torne a excitar assim a cholera dos monarchas, porque o dito vulgar affirma que é o mesmo do que brincar com as garras do leão. Houve um momento, em que estivemos em perigo ambos. A verdade quando se carrega, fere... Deixemos porém, isso. O seu protegido conte que não corre perigo. Sei que não ama Cecilia; mas os seus loucos ciumes foram talvez a causa... »

— « A causa é o amor que ella consagra a vossa magestade. Para não servir de obstaculo á sua gloria... »

— « Á minha gloria? E se eu a intender de diverso modo? Por ser monarcha hei de por força arrancar o coração do peito, ou fechal-o ao affecto... »

— « Para os reis ha só um amor possivel e unico... »

— « A gloria? »

— Não, senhor! a ventura dos seus povos! »

— « Mas em que póde a ternura de Cecilia offender os povos?... »

— « Se vossa magestade o permitte ella mesma responderá! »

— « Ella! Como? Pois!... » exclamou o mancebe alvoroçado.

— « Espera á porta uma audiencia de el-rei... » redarguiu o padre contendo-o com a vista.

— « Uma audiencia!? » disse elle suspenso.

— « Uma audiencia, senhor. E só para entregar a vossa magestade um retrato e varios papeis que não podem pertencer senão á rainha de Portugal...

— « E vossa paternidade sabe, se eu... »

— « Sei que vossa magestade deseja ser, e hade ser um grande rei. Ora para o conseguir a primeira coisa é vencer-se, dar um grande exemplo! Cecilia vem beijar a mão do seu soberano, e pedir-lhe o esquecimento da temeridade que por ignorancia commetteu levantando os olhos para o principe D. João. Ella e eu esperamos, que el-rei não saiba o que a nós todos convem não lembrar mais! »

O monarcha, com as faces inflammadas, e a mais profunda commoção na voz e no semblante, tocou a campainha com força, e sem lhe responder. O conde de Aveiras abriu a porta, e sua magestade lançando-lhe a vista severamente disse com ar sombrio: « Conde, mande entrar a senhora, que pediu uma audiencia, e retire-se depois! » Dahi a um momento Cecilia entrava na salla e colhia no rosto do padre Ventura o valor necessario para sustentar a sua firmeza. D. João V pallido e tremulo, com a paixão no olhar

amoroso e no sorriso extatico, apesar de impotentes esforços para se dominar, precipitou-se, recuou, e por fim caíu de joelhos aos seus pés, como dantes, exclamando em um gemido de dor e de jubilo ao mesmo tempo: Cecilia!

A donzella vacillou, inclinou-se para o principe que não queria levantar-se, nem ceder-lhe a mão que estava cubrindo de estremosos osculos, e não podendo tambem conter o coração, deixou correr em fio as ardentes lagrimas, em quanto lhe fugia da bocca um suspiro, verdadeiro echo da alma anciosa, o doce e amado nome de João! Em um dos angulos do aposento, o mais longe possivel delles, o visitador callado e melancolico, assistia a esta scena, e sentia as palpebras humidas, e o peito confrangido.

Assim passaram os primeiros momentos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Exequias de S. A. a princeza D. Amelia. —A cathedral da cidade do Funchal foi testemunha de um dos actos mais religiosos que a saudade d'um povo christão póde tributar á memoria de uma das mais virtuosas princezas!

Quinta feira passada abriram-se as portas do templo onde se erguera magestoso um mausoleu, em vista do qual se celebraram as exequias pela morte da illustre e sempre chorada princeza Dona Maria Amelia. Desde esse momento começaram a affluir áquelle recinto de dôr e oração todas as classes da sociedade. Concorreu a este adeus eterno, chorosa e concentrada em sua profunda e justa dôr sua magestade imperial a excelsa duqueza de Bragança — sendo esperada á porta do templo pelo rev. bispo da diocese, exm.° visconde de Fornos, governador civil do districto, o commandante militar, e todas as demais auctoridades. — Assistiram a esta ceremonia funebre todos os empregados publicos, e muitas pessoas distinctas tanto nacionaes como estrangeiras.

Todo este acto religioso foi passado com a maior dignidade, respeito e devoção, e muito desejamos que a todos os respeitos se tornasse grandiosamente elevado este tributo de saudade e respeito pela filha do immortal Duque de Bragança, para que dessemos uma solemne demonstração de que ainda não equecemos os serviços e trabalhos do augusto defensor das liberdades publicas.

Quizera o exm.° governador civil que houvesse uma oração funebre como é proprio em taes occasiões; porém tendo s. ex.ª conhecimento de que as palavras que proferisse um ministro do Senhor, seriam outras tantas feridas abertas no coração de uma mãe desolada, e mais aggravariam a magoa, e a saudade daquella alma consternada, toda infortunio e acerbas memorias, tratou de conseguir que no mausoléo se gravassem algumas inscripções que apontassem ao povo que a sua vontade tinha sido interpetrada.

E o poeta soltou sua voz melancholica e elevada, offerecendo ao sr. governador civil as quatro sentidas quadras, que um rasgo feliz de seu conhecido talento soube tão bem apropriar ao assumpto.

Choremos!... que a filha de Pedro immortal,
Do Rei Salvador, do Martyr soldado,
Morreu!... Ai de nós!... que golpe fatal
De Deus a vingança nos ha desfechado!...

A magoa profunda da *augusta senhora*,
Que o ser, e as virtudes sublimes lhe deu,
Só é comparavel á que hoje memóra
A egreja por Christo, que *tanto* soffreu.

Esse anjo que *A Virgem* á terra mandou
A dôr mitigar da esposa extremosa,
Dos anjos a inquieta saudade chamou
Á patria celeste, mansão gloriosa.

D'esperança, innocencia, d'amor e candura,
De paz *charidade*, oh anjo adorado!...
Aceita este pranto — que a pena não cura
O pranto de um povo assaz desgraçado.

(O Amigo do Povo de 15 de março).

Vapor Grã-Bretanha. — Do jornal *A Ilha* que se publíca em Ponta Delgada tomamos a seguinte curiosa noticia: —

« Em a noite de 19 para 20 do corrente março deu fundo na enseada de Ponta Delgada este grande vapor, vindo da Australia, com direcção a Inglaterra, tocando nesta ilha para receber carvão e refrescos, demorando-se até á noite do dia 22.

A carga era de 3:126 onças de oiro no valor de 400:000 libras esterlinas, isto além do oiro dos particulares! Conduzia a seu bordo 232 passageiros. Este vapor é da força de 500 cavallos, e tem de comprimento 327 pés, de largura 54, e de pontal 48. Tem capacidade para 3:500 toneladas, e o ferro empregado na construcção anda por 1:800 toneladas ou 97:200 arrobas, e além dos passageiros que conduz tem accomodações ainda para 400 familias. Palmos de comprido 492 e um quarto, e de largura 81.

Calcula-se a despeza feita nesta cidade em quatro contos de réis.

Nos dias 20 e 21 foi grande a concorrencia de pessoas de ambos os sexos, que visitaram este navio, acontecendo a infelicidade de se virar um barco á sahida do caes em que iam os srs. Arruda, Luiz de França, João Albino, e outras pessoas mais, o que todavia não occasionou desgraça alguma sensivel como poderia acontecer.

Da companhia — Boa Fé — recebeu 500 caixas de fructa de carga, para a Inglaterra.

Este vapor já deu duas vezes á costa; e hoje é de quatro mastros; sendo antes de seis.

Julgamos a proposito publicar aqui a descripção que uma folha ingleza fez deste vapor em 1844 e é a seguinte:

Seu custo é de £ 100:000. Construiu-se em tres annos e meio. — Não tem rodas nem caixas dos lados, ha de ser movido psla rosca chamada archimedeanna. — Mede 3:600 tonalladas, 2:000 mais que o vapor *Great Western*; e fluctua mais. — É compellido por engenhos da força de 1:000 cavallos. — Comprimento da figura da prôa á pôpa 322 pés. — Comprimento da quilha 289 pés. — Tem de boca 50 pés e 6 pollegadas. Tem quatro cobertas. — O convez é corrido; e mede 308 pés. — A segunda coberta consiste de dois sallões de passeio — o de ré ou primeiro 110 pés e 6 pollegadas de comprimento, e 22 pés de largura. — O segundo 67 pés de comprido, e 21 pés e 9 pollegadas de largura. — A terceira cuberta consiste em sallas de jantar; o grande salão mede 96 pés 6 pollegadas de comprido, com 30 pés de largura; e o segundo 61 pés de cumprimento, e 21 pés e 9 pollegadas de largura. — Todos os salões tem 8 pés e 3 pollegadas de altura, e rodeados de camarotes fechados, dos quaes ha 26 com camas singelas e 113 contendo duas cada um, produzindo 252 camas. — Este grande numero é exclusivo das accomodações que se podiam preparar nos immensos sofás que rodeiam os salões. — Para todos es camarotes ha passagens geraes fóra dos salões. — Tudo é muito ventillado. — A quarta cuberta é apropriada para a recepção de carga, da qual póde conter 1:200 tonelladas, com mais 1:000 tonelladas de carvão.

Para a popa do navio ha um grande tanque de agua doce, situado debaixo da cuberta; e para a prôa ha um quarto d'ar desde a maquina até á prôa. — O castello de prôa está designado para os quartos de trabalho e comida de officiaes, e marinheiros, e camarotes para dormir. — Os engenhos e caldeiras occupam o espaço de 80 pés a meia náo. — O engenho e cosinha são nesta parte do navio. — Ha 3 caldeiras, são aquecidas por 24 fogos e contem 200 tonelladas d'agua. — Ha 4 engenhos da força de 250 cavallos cada um; e o cilindro dos quaes tem 7 pés 4 pollegadas de diametro. — A chaminé tem 39 pés d'altura, e 8 pés de diametro. — Tem seis mastros, o mais alto tem 74 pés acima do convez. — O panno do velame mede mais de 1:700 jardas quadradas. — O porão é dividido em quatro departamentos para agua — a quantidade de carvão é de 60 tonelladas consumidas por dia. — O ferro empregado na construcção do vazo, caldeiras, engenho etc., anda por mais de 1:500 tonelladas. — Quando carregado demanda 16 pés — a agua que desloca calcula-se em 3:200 tonelladas. — As folhas de ferro da quilha são de 1 pollegada e tres quartos de pollegada de grossura — as outras são de meia pollegada. — Tem costado dobrado. As cavernas são formadas de vergalhão angular: 6 pollegadas por 3 e meio e sete decimos em cima. — A distancia media das cavernas é de 14 pollegadas de centro a centro. Todas as cavernas são dobradas, as distancias são então de 18 a 21 pollegadas. As bombas esgotam 7:000 galões de agua por minuto. »

Melhoramentos no Chili. — Esta porção dos soberbos dominios da corôa hespanhola, que se desmembrou da metropole quando se tornaram independentes aquellas vastissimas e ricas possessões em o Novo-Mundo, é de todos esses novos estados o que tem adquirido maiores vantagens nos progressos materiaes.

Nas provincias do norte faziam-se diariamente novos descobrimentos de minas, e em geral todas offereciam vantajosos resultados; não obstante os bons salarios havia escacez de braços para a lavra das minas; vinham, porém, concorrendo trabalhadores de outras provincias daquella republica e até muitos da Confederação Argentina.

A actividade que despertou a construcção do caminho de ferro era admiravel. Copiapa, que ainda ha pouco tempo se reputava povoação insignificante, transformou-se quasi de subito n'uma cidade populosa, alumiada hoje com o gaz, e adornada de bellos edificios. O commercio de Valparaiso continua a prosperar, e activam-se as obras do caminho de ferro até Santiago.

Um peixe monstro. — De Caminha escrevem ao *Nacional* o que se segue: « Foi apanhado no alto mar, pelos pescadores da villa da Guarda, um peixe, que até agora ninguem soube dizer seu nome; tinha 30 palmos de comprido e 10 de grosso por todo, um focinho aguçado, que lançava diante da bocca tres palmos, a bocca era grande com tres ordens de dentes como os de pescada, os olhos redondos e pretos, tinha em volta de todo o pescoço cinco ordens de folhos, por baixo dos quaes tinha as cacheiras, com a distancia de palmo de umas as outras, por baixo da barriga tinha dois espigões de ponta aguda, do comprimento de 5 palmos e de 2 de grosso, em cima do lombo tinha duas badanas do feitio de umas azas, o rabo era como o da tuninha, a pelle negra e como lixa grossa, a carne por dentro assemelhava-se á de vacca, mas muito esvaida. Foi pescado este peixe em sete redes, nas quaes fez grande estrago com o focinho, e de certo se escaparia, se por acaso se lhe não embaraçassem duas na bocca, o que serviu para o trazerem a reboque á praia, aonde foi observado por quem quiz vêr, e depois esfollado; os figados pesavam 16 arrobas. Por aqui se póde fazer idéa do tamanho deste peixe monstro. O administrador da villa da Guarda tomou conta da pelle do dito peixe, para a mandar para a academia de historia natural. »

Telegraphia submarina. — Uma carta de Turin do dia 3 do corrente diz o seguinte: — Mr. James Williams Brett, depois de uma conferencia que teve em Paris com o imperador Napoleão, veio a Turin assignar o contracto de telegraphia submarina com mr. Paleocapa, ministro das obras publicas. Obrigou-se a estabelecer desde Spezzia a Bastia um cabo electrico submarino e prolongal-o desde o estreito de Bonifacio até Cagliari.

De futuro será continuado desde Cagliari, capital da ilha de Sardenha até Tunes, donde se dirigirá para Argel um fio e outros para Alexandria. A conferencia com o imperador dos francezes foi relativa á telegraphia proposta para a Africa franceza.

O trajecto submarino desde a Italia á Corsega seria infinitamente mais curto se o cabo sómente tivesse de atravessar o canal de Piombino. — A sciencia e não á politica é que se ha de attribuir aquella variação. Não sendo a ilha de Elba, para assim dizer, mais do que um grande pedaço de ferro, seria o agente electrico viciado continuamente se pelas proximidades della houvessem de passar os fios telegraphicos.